

mente emotiva foi a homenagem que lhe prestaram os alunos e docentes do Colégio Moderno. Todos estes seus predicados ajudam a compreender a riqueza da sua polifacetada personalidade, mas não explicam suficientemente a excelência da sua pessoa, sobretudo na última etapa da sua vida.

Há, com efeito, uma especial característica da sua existência que se destaca pela sua transcendência: a sua condição cristã. Embora baptizada à nascença, viveu muitos anos arredada da Igreja, a que voltou há aproximadamente vinte e cinco anos. Foi portanto, de certo modo, uma convertida, uma católica da última hora. Mas, como a parábola evangélica ensina, a tardança do seu regresso em nada prejudica a qualidade da sua fé, nem diminui o seu mérito sobrenatural.

São conhecidas as circunstâncias em que ocorreu a sua conversão ao catolicismo: uma grande aflição familiar levou-a, num gesto quase desesperado, a recorrer a Deus. O milagre acabou por se realizar: não sei se o da cura pedida, que pode ter ocorrido por causas naturais, mas sim o do seu inesperado regresso à fé cristã.

Talvez pareça duvidosa uma conversão verificada numa situação que, a bem dizer, é mais emocional do que racional. Mas poderá alguém estranhar que a crença que, precisamente, se identifica com a cruz, seja pela mesma cruz encontrada?! Nada mais lógico e natural, porque a realidade do sofrimento, próprio ou alheio, interpela a consciência com questões a que só a fé em Deus logra responder de forma satisfatória. Ou não, porque também não faltam casos de pessoas que, ante



POR
**Padre
Gonçalo
Portocarrero
de Almada**

Cronista do Jornal
Observador

uma semelhante experiência, renegaram a fé e se revoltaram contra o Criador.

Embora essa inesperada dor tenha sido a ocasião de uma mudança tão radical e duradoira, não foi a sua causa. Um encontro fortuito também pode ser o início de um grande amor, mas nunca será a sua principal razão de ser.

Com efeito, um momento de angústia pode suscitar uma súplica instantânea, como um grito em forma de prece, mas uma opção que perdura para toda a vida não pode ter apenas um tão fugaz fundamento. Foi necessário que essa breve intuição transcendente fosse depois explicitada intelectualmente. É o que, de forma análoga, acontece quando alguém se apaixona: a emoção inicial deve, numa segunda etapa, amadurecer em termos racionais e afectivos. Se este processamento não acontecer, a ignição esgota-se em si mesma, como uma paixão abortada, que nunca chegará a ser um verdadeiro amor.

A conversão não é obra de um instante, mas empresa para toda a vida. Pode haver um momento exacto de deslumbramento, mas esse novo horizonte nunca está totalmente reconhecido. Por isso, nem todas as

verdades da fé, ou as suas consequências morais, são imediatamente percebidas pelo converso, que deverá depois percorrer um longo caminho de progressiva explicitação da doutrina em que crê. Uma atitude menos esclarecida, ou aparentemente incoerente, deve ser portanto entendida com a indulgência que uma fé incipiente requer. Neste sentido, a conversão é, para todos os crentes, um processo contínuo que, na verdade, só se conclui com a visão beatífica.

O fantasma de Jean Barois ainda ensombrece as conversões tardias, que alguns querem crer menos credíveis, porque verificadas no crepúsculo da vida. Para alguns, a velhice pode ser sinónimo de demência ou de enfraquecimento da vontade, mas não foi o caso, porque na véspera do acidente que a vitimou, a Dra. Maria de Jesus Barroso Soares ainda participou activamente no Estoril Political Fórum, com aquela discreta mas lucidíssima inteligência que a caracterizava e que sempre a acompanhou.

Em boa hora a chamou o seu Senhor, mas não sem antes experimentar, de algum modo, a sua paixão. A vida humana, mesmo que em sofrimento, não pode ser intencionalmente abreviada, nem deve ser artificialmente prolongada para além do seu termo natural. Esse doloroso final teve um sentido catártico porque, como oportunamente recordou Mons. Feytor Pinto, a morte desta excelente senhora “foi um momento de libertação, ao encontro de Deus”. Com efeito, para os cristãos a morte é uma experiência pascal, ou seja, a passagem desta vida para a vida eterna. ■

in Jornal *Observador*, 11 de Julho de 2015

Dedicatória a Maria de Jesus

Teria ido muito longe na política não fora a partilha de vida com alguém chamado Mário Soares. Foi por outro caminho. O que nunca, em quase setenta anos de teto comum, quis dizer sombra.

Toda a gente vai escrever ou dizer tudo sobre Maria Barroso. Ou melhor, tudo talvez não, afinal. Não é fácil encaixar em palavras coisas tão magnas como qualidade, autenticidade, profundidade e responsabilidade. Ou como coragem, inteireza, intuição e talento (a rodos).

Foi uma excelente pedagoga e uma vibrante comunicadora, era intuitiva e observadora. Teria ido muito longe na política não fora a partilha de vida com alguém chamado Mário Soares. Chegaram “lá” os dois ao mesmo tempo. Ele ficou, abrindo um lugar cativo, ela deixou-o fi-

car, oferecendo-lhe o brilho e o exclusivo do brilho. Foi por outro caminho. O que nunca, em quase setenta anos de teto comum, quis dizer sombra, mas apenas isso mesmo, outro caminho. Como ela o quis e talhou. Ao lado, mas nunca na penumbra do ex-líder do PS, do ex-titular dos Negócios Estrangeiros, do ex-Primeiro-Ministro, do ex-Presidente da República. Sim, era um “petit bout de femme” com intensa luz própria e um passo autónomo que nunca ninguém domesticou.

A “Maria de Jesus”, como eu gostava respeitosa e de a chamar, soube aplicar e multiplicar cada uma dessas bênçãos com que por vezes, raras vezes, a natureza humana é dotada. Utilizou-as sempre bem, nunca desistindo de cumprir os seus dias com o norte que lhe era apontado pelos valores em que acreditava e aos quais foi permanentemente fiel e se manteve direita como um cipreste; mas também com o (agudo) sentido que punha nas suas escolhas e prioridades em que a primeira não era senão a vital importância que para si assumia o seu clã familiar (e como esta matriarca defendia aquela fortaleza!). Só depois se encadeavam as suas diversas responsabilidades na vida pública e na sociedade portuguesa, num permanente, incessante, curioso, enérgico acorrer às chamadas. Mas era do “seu” Campo Grande, do seu reduto, do seu núcleo duro sentimental, da sua família, que ela partia todas as manhãs, para levantar voo para a vida. Começava pelo Colégio. Sempre elegantíssima, bonitíssima, atravessava a rua pelas oito da manhã — “Gosto que os pais me vejam ali quando trazem os filhos”, disse-me uma vez, quando estranhei tanta alvorada.

Sim, como a Maria de Jesus “praticou” bem tantos dotes e dons, como eles a abençoaram e como ela se realizou através deles... Na luta política, tão jovem, onde era tenaz e audaz; no combate pela liberdade e pelas liberdades onde era inteira; na direção do Colégio Moderno, vivendo solitariamente tempos duríssimos: como quando Soares estava preso ou exilado e havia um permanente ambiente de desconfiança à sua volta, duas crianças em casa e parca liquidez para enfrentar a vida. Uma vez contou-me que “nessa época ia de madrugada à Ribeira comprar hortaliças para os alunos internos porque era mais barato”; no teatro, onde foi uma imensa



POR
**Maria
João
Avillez**

Cronista do Jornal
Observador

atriz, no cinema onde deixa marca inconfundível. Amélia Rey Colaço — que a adorava — nunca a deixou cair, recusando liminarmente as admoestações e pressões do regime para afastar da companhia do Teatro Nacional que dirigia, uma impetuosa rapariga chamada Maria Barroso. Décadas depois, após Abril de 74, a ex-atriz e futura primeira dama pagar-lhe-ia com a mesma moeda de generosidade e reconhecimento. Nunca nada as separou e era tão emocionante como quase comovente ouvi-las — como ouvi algumas vezes — falar ternamente uma da outra, desfiando recordações, revendo bons e maus momentos.

Família, política, teatro, educação, poesia. E essa essencial descoberta de Deus que surgiu tarde mas que a preencheu até ao fim dos seus dias. Felizmente para mim não terei de proceder ao exercício fútil de decidir onde ela era “melhor”. Era una e indivisível em cada um dos ramos da fecunda árvore da sua vida. Mas só uma grande mulher consegue sê-lo e permanecer-lo, sendo ao mesmo tempo a companheira de um “ocupante” da cena portuguesa, como foi e é Mário Soares.

Una e indivisível também o foi, in-



**Sempre
elegantíssima,
bonitíssima,
atravessava a
rua pelas oito da
manhã — “Gosto
que os pais me
vejam ali quando
trazem os filhos”**

sisto neste aspeto, na dimensão da sua fé cristã, vivendo-a com aquele seu timbre onde tão bem se misturavam a convicção espiritual e o empenho pessoal. Via-a na paróquia do Campo Grande que ela frequentava com fervor e rigor, cultivando a sua sólida amizade com o nosso prior, Monsenhor Vítor Feytor Pinto, ao mesmo tempo que dialogava com uma alegria loquaz com os paroquianos, antes ou depois das missas, na sala do convívio da igreja. Encontrei-a ao longo de anos e anos, incontáveis vezes, em incontáveis geografias e ocasiões, nas suas casas ou na minha, no Colégio Moderno onde tive um filho: nunca mudei de opinião ou sequer de percepção a seu respeito.

Porém, talvez que o mais extraordinário de tudo o que apressada e tristemente escrevo ainda seja o eu saber que cada palavra minha não sofre do mal do elogio oco, do panegírico obrigatório, do aplauso da 25.^a hora, do pecado do excesso.

Maria de Jesus era isto e era assim. Mesmo se eu sei que tanto fica por dizer, por contar, por lembrar. Por celebrar.

Ah, feliz família que pode, no seu interior mais íntimo, aprisionar tão excepcionais memórias — e tão ricas na sua diversidade; e contar, no seu privado aconchego com tão formidavelmente cheio exemplo de vida.

A esta hora já se encontraram os dois, estou certa, o Alberto e a Maria de Jesus.

O Alberto Vaz da Silva também partiu ontem, silenciosamente e com aquela espécie de discrição doce com que falava connosco e usava nas coisas. Especial, singular, amável e afável Alberto... Devem estar agora a falar de poetas, talvez ela lhe diga os versos de Sophia que tão intimamente conheceram e tanto amaram um e outro e não me custa adivinhar que ele lhe responda com a poesia de Tolentino Mendonça que o Alberto lia e bebia porque com ela se maravilhava.

Ou quem sabe, estarão a falar os dois de Deus que finalmente encontraram após o tempo terreno em que, de formas tão distintas e por tão distintas avenidas, ambos buscaram mas sempre com a certeza de que ele era uma certeza.

No céu não deve haver meses nem estações do ano mas aqui em baixo e apesar desta luz tão brilhante, este julho está a pesar-nos demais no coração. ■

in Jornal *Observador*, 8 de Julho de 2015